**Redes LGBTQIAP+ e agenciamentos com plataformas digitais sonoras[[1]](#footnote-0)**

### **Danillo Roberto Teodozio Costa Pinto - UFAL/AL**

###

### **Resumo:** Os sons, como ecossistemas que habitam a vida humana e não-humana, aglomeram práticas culturais carregadas de mensagens e intenções capazes de agir na comunicação, nas emoções, nos comportamentos e nos processos de subjetivação. No cenário contemporâneo, pessoas LGBTQIAP+ de distintas partes do ecossistema global unem-se a tecnologias sonoras e alargam o compartilhamento de vivências e informações num mundo interconectado pela internet. Este trabalho objetiva, por meio de perambulações na plataforma digital do Spotify, seguir agenciamentos de pessoas LGBTQIAP+ do Brasil que compartilham conteúdos na podosfera. Realizei um mapeamento de podcasts a partir do descritor LGBT, que deu vazão a 991 podcasts e dos quais 190 produzidos por pessoas do Brasil foram catalogados. Na intenção de disponibilizar o banco de dados para acesso público na plataforma, criei um perfil de pesquisador e cataloguei os podcasts em seis playlists identificadas a partir dos anos de lançamento: 2016, 2017, 2018, 2019, 2020 e 2021. Esta decisão reverberou em dilemas metodológicos que cruzaram a pesquisa ao considerar elementos como algoritmos, historicidade do descritor e as características próprias da plataforma, evidenciando diferentes percursos e o sumiço de alguns podcasts catalogados. Nos fluxos dessas redes em que experiências se coadunam e se co-produzem, atenta-se para a heterogeneidade de intenções agenciadas, seja em projetos profissionais, atividades de coletivos, divulgações de pesquisas, ou mesmo no compartilhamento de contos eróticos. No emaranhado de narrativas que reescrevem memórias, assimetrias nas relações de pessoas com as mídias convencionais das décadas de 80 e 90 no Brasil remetem a processos de silenciamentos, violências e imagens estereotipadas da população LGBTQIAP+, bem como a discursos regulatórios da binaridade de gênero, de patologização da homossexualidade, de chacota, erro, naturalização de corpos e vergonha da família. Em contraposição a esses trânsitos que marcaram infâncias e adolescências de pessoas LGBTQIAP+ no Brasil, se observa desde 2016 no Spotify a emergência de outras narrativas. Nesse sentido, o trabalho demonstra a co-produção de uma rede LGBTQIAP+ que alarga o compartilhamento de vivências narradas e protagonizadas por esses sujeitos.

**Palavras-chave:** LGBTQIAP+; Podcast; Gênero.

###

### **Alargando rotas e redes de relações com dispositivos tecnológicos**

Desde a invenção de dispositivos sonoros como o fonoautógrafo ou mesmo do rádio, temos acompanhado historicamente dispositivos tecnológicos direcionados à manipulação de sons e intencionados à sensibilidade da escuta, se transformando e se relacionando com pessoas e lugares de formas diversas, coproduzindo experiências culturais, representações de realidades e modos de estar e agir no mundo. Nesse sentido, não é novidade que após eventos históricos como o advento da web 2.0, os processos de digitalização da vida, bem como a popularização e acessibilidade tecnológica, a manipulação de sons na -e com a- internet vem expandindo os compartilhamentos de experiências individuais de pessoas e de coletivos, agenciando de formas distintas as maneiras de viver, morrer, significar, sentir, fazer, comunicar, subjetivar, afetar e configurar as experiências culturais de existir no ecossistema global: dinâmico, localizado e construído historicamente.

Embora os desdobramentos envolvendo dispositivos tecnológicos, agenciamentos e pessoas venham cada vez mais se popularizando e transformando as nuances das relações que se coproduzem no emaranhado desses fluxos, estes estiveram -e estão- acontecendo de maneiras historicamente assimétricas quando levamos em conta as inúmeras desigualdades que incidem e interseccionam as vivências das pessoas no mundo. Questões envolvendo a economia do capitalismo, classe social, etnia, gênero, sexualidade e território, são apenas alguns dos elementos que agem como determinantes e condicionantes dos modos de vida que habitam o ecossistema global, e é também no agenciamento dessas questões que a vida com dispositivos tecnológicos sonoros têm sido inventada e reinventada, inserida nas práticas e costumes culturais, bem como configurada nos movimentos que pessoas estabelecem com esses dispositivos em seus cotidianos e itinerários de vida.

Sabemos que nas últimas décadas dispositivos tecnológicos como o rádio e a televisão têm influenciado globalmente as configurações de subjetividades, modos de ser, viver e morrer, sendo também responsáveis por criar imagens de representação sobre pessoas e grupos distintos. A exemplo disto, lembremos como na década de 90 e no início dos anos 2000 aqui no Brasil, personagens como Vera Verão, Patrick e Félix, ficaram popularmente conhecidos no imaginário de pessoas que assistiam a programas de televisão e novelas produzidos pelas emissoras SBT e Rede Globo. Estas personagens marcaram as formas como pessoas LGBTQIAP+ foram por muito tempo retratadas na mídia, seja em rotas que as tomavam como centro de chacota, como em programas humoristicos, ou em rotas de programas policiais que exibiam a exotização de pessoas trans para abordar questões como prostituição, brigas e assassinatos.

As primeiras décadas dos anos 2000 têm sido, porém, marcadas por grandes transformações envolvendo as relações humanas com dispositivos tecnológicos no mundo inteiro. Se há 30 anos atrás televisão e rádio foram dispositivos tecnológicos potentes na configuração de representações, modos de vida e processos de subjetivação, hoje pessoas de distintas partes do ecossistema global unem-se a outros dispositivos tecnológicos e alargam essas rotas que movimentam práticas culturais, modos de vida e experiências envolvendo marcadores como gênero e sexualidade. A exemplo dessas relações que se coproduzem com os sons, podemos mencionar como pessoas e coletivos, que foram historicamente marginalizados, têm se unido a dispositivos tecnológicos sonoros como potência capaz de coproduzir experiências, rotas de vida e configurar outras redes de acesso.

Aqui no Brasil, pessoas LGBTQIAP+ de distintas regiões, como Bixarte, Bia Ferreira, Danny Bond, Isis Broken, Jup do Bairro, Kaê Guajajara e Linn da Quebrada, que produzem e compartilham músicas e videoclipes em plataformas digitais audiovisuais e sonoras, têm promovido em suas produções debates significativos envolvendo questões relativas à etnia, gênero e sexualidade. O compartilhamento de vivências e informações num mundo interconectado pela internet, tem possibilitado não somente a aproximação de pessoas em torno de determinadas questões a partir do que promovem em relação a si mesmos, mas também alargado as redes de aliança entre pessoas intencionadas em localizar a historicidade das experiências, despatologizar sujeitos e práticas e denunciar os efeitos coloniais e perversos que predominam sobre as experiências envolvendo etnia, gênero e sexualidade.

Neste sentido, é fato que os dispositivos tecnológicos sonoros vêm transformando radicalmente as formas como as pessoas têm se relacionado com o mundo nas últimas décadas, e é preciso destacar que os sons, como ecossistemas que habitam a vida humana e não-humana, aglomeram práticas culturais carregadas de mensagens e intenções capazes de configurar relações, agir na comunicação, nas emoções, nos comportamentos e nos processos de subjetivação. É junto a dispositivos tecnológicos sonoros que a vida no ecossistema global tem sido também criada, contada, recontada e escutada. Que seus efeitos têm reverberado nas configurações de mundos potentes, de repertórios culturais, nas relações que as pessoas desenvolvem socialmente, nos trânsitos históricos que agenciam e regulam modos de ser, nos modos de subjetivar, viver e morrer.

Tanto na Antropologia, quanto em outros campos disciplinares, as relações entre dispositivos tecnológicos e questões LGBTQIAP+ já têm sido *lócus* de estudo (SILVA, 2019; SOUZA, 2019). Temos acompanhado o esforço de intelectuais de diversas partes do ecossistema global engajados a potencializar, recalcular e expandir as rotas de conhecimento envolvendo gênero e sexualidade. Nomes de autoras e autores como Judith Butler, Paul Preciado, Foucault e Donna Haraway, tem sido cada vez mais citados nos últimos anos em trabalhos de pesquisadores de diversas áreas científicas do Brasil, que traçando outras rotas de pesquisa e trabalho configuradas no compromisso social e na localização da historicidade das coisas, tem conseguido potencializar produções outras que se distanciam de bases científicas hegemônicas sobre gênero e sexualidade (MARCONI, 2017; MEINERZ; 2011; PELÙCIO; 2014; SOUZA, 2021).

Essas produções de conhecimento, sabemos, tem alargado as rotas de acesso a outras experiências potentes envolvendo grupos historicamente subalternizados e questões relacionadas a gênero e sexualidade. Especificamente nos cruzamentos epistemológicos que investigam as relações agenciadas entre pessoas e dispositivos tecnológicos aqui no Brasil, trago para o debate a pesquisa[[2]](#footnote-1) de Souza e Dias Jr. (2019), que aborda aspectos das mídias e redes sociais no contexto da organização social do povo indígena WaiWai, na Amazônia. Por meio de entrevistas com pessoas indígenas com idades variando entre 10 e 60 anos, os autores buscaram compreender os usos que estas faziam dos celulares, da internet, e como isso reverberava nos desdobramentos na Comunidade do Anauá. Com as comunidades indígenas cada vez mais interligadas aos contextos urbanos, houve uma intensificação e expansão do acesso aos produtos industrializados, movimentando novas configurações nas vivências e na comunicação das comunidades WaiWai. A presença de uma antena de Wi-fi na comunidade, presenteada por um candidato na época da eleição, facilitou um expressivo fluxo das redes sociais WaiWai em plataformas como Facebook, WhatsApp e Instagram, configurando coletivos WaiWai espalhados pelas redes sociais, onde se comunicam na própria língua. Para a maioria das pessoas que foram abordadas, o uso do celular com armazenamento de dados em cartões de memória é importante para um registro da cultura, o que contribui para que as novas gerações possam saber como seus pais e avós viviam, além de também considerarem um artifício para que suas diferenças sobrevivam diante de outros mundos, como o dos brancos, encontrando estratégias criativas de inserção no circuito das aldeias e das cidades, dando visibilidade, guardando a história e a vida cotidiana nas comunidades, e chegando a ser reconhecida por alguns jovens como a memória da sua história, da comunidade e do próprio povo Waiwai.

De acordo com os autores, crianças e jovens WaiWai se relacionam desde cedo com dispositivos tecnológicos ligados à internet para compartilhar seus momentos cotidianos. Essa inclusão dos jovens não é feita apenas no mundo tecnológico dos brancos, mas também do seu próprio universo Waiwai, articulado pelas redes sociais onde passam a se encontrar também virtualmente sendo um dos fatos que acarretou novos arranjos para as lideranças indígenas, como a criação de normas para o uso de dispositivos tecnológicos associados às redes virtuais. Nesse contexto, alguns indígenas mais velhos e lideranças preocupam-se, tendo em vista que o contato com as mídias foi incorporado à cultura indígena de muitas formas e interesses diferentes, acarretando outros elementos na transformação da vida social WaiWai, como a inserção cada vez maior de jovens indígenas nos contextos urbanos, e mudanças nos princípios e regras das comunidades em relação às trocas matrimoniais, visto que o acesso dos jovens as redes sociais permitiu que estes agora pudessem se encontrar, se envolver e chegar até a se casar sem que a participação ativa de seus pais e articulações no núcleo doméstico ocorressem como acontecia como antes (SOUZA e DIAS JR., 2019).

No debate envolvendo mídias digitais, gênero e sexualidade aqui no Brasil, evoco para este encontro a pesquisa desenvolvida por Souza e Balieiro (2021), que buscou compreender, entre 2016 e 2017, como Linn da Quebrada, multiartista trans brasileira, utilizava as mídias digitais nos engajamentos e performatividades de sua trajetória artística, com ênfase nas questões de gênero, sexualidade, raça e classe social. Por meio de perambulações realizadas nas plataformas digitais do Youtube, Facebook e Instagram, os pesquisadores percorreram fluxos de hashtags, publicações, entrevistas e stories, atentando para as relações configuradas a partir das interações possibilitadas pelos usos das plataformas e para além delas. Os modos como Linn explora seu corpo, suas histórias de vida e experiências enquanto sujeito dissidente das normas de gênero em sua trajetória enquanto artista, por meio das plataformas digitais e a partir dos seus engajamentos performativos, seja na internet ou fora dela, não apenas acompanha o desenvolvimento de sua carreira como artista, como também a modifica. Seja no Youtube, divulgando suas produções musicais, estéticas e políticas, ou em outras plataformas divulgando sua imagem e ideias, na medida em que os números de seguidores da artista aumentou significativamente nas redes sociais, ela também passou a ser interesse de canais de televisão e campanhas publicitárias, o que lhe permitiu ocupar outros espaços, algo que antes era praticamente impossível no cenário centralizado das mídias massivas analógicas, alargando, com isso, os espaços de representações midiáticas, seja em relação às questões que envolvem corpo, gênero, sexualidade, raça e classe social, quanto a outras questões que contemplam sua subjetividade (DOS SANTOS e DUQUE, 2019).

Estamos vivenciando uma expansão nas relações com as tecnologias digitais sonoras em diversas áreas da vida humana, questão que também se intensificou junto aos efeitos da pandemia da Covid-19 no Brasil e no mundo. Estas intensificações tem acontecido, principalmente, com plataformas digitais sonoras que disponibilizam serviços de músicas e podcasts para as pessoas. Deezer, Soundcloud, Spotify e Youtube, são empresas estrangeiras que agenciam nessas plataformas serviços e conteúdos produzidos por uma rede heterogênea de atores que criam e compartilham conteúdos personalizados, seja em formatos de músicas, videoclipes e/ou podcasts. Diante dos repertórios dessas plataformas, que agenciam distintas formas de vida, o Spotify é um ambiente digital voltado para músicas, podcasts e, mais recentemente, vídeos, que foi lançado em 2008, e tem se popularizado no Brasil desde 2014, ano em que começou a disponibilizar seus serviços no País, e hoje podendo ser facilmente acessado por meio de dispositivos tecnológicos como computadores, notebooks, smartphones, tablets e smart tvs. Pelo notebook, por exemplo, é possível ter acesso ao spotify a partir de duas rotas: por aplicativo instalado no computador e pelo sítio eletrônico na internet [www.spotify.com/br/](https://www.spotify.com/br/).

Sabemos que as plataformas digitais sonoras já têm sido agregadas ao cotidiano do saber-fazer de acadêmicos, professores e pesquisadores das ciências sociais há algum tempo, seja como método de trabalho e/ou objeto de estudo (SILVA e BODART, 2015; PROLO, 2019; PINHEIRO et al, 2020). Ainda que essa produção acadêmica de artigos sobre Podcasts nas ciências sociais e especialmente na antropologia seja incipiente, podemos acompanhar profissionais dessas áreas desenvolvendo trabalhos com Podcasts e também sendo reconhecidos através destes. A exemplo disso, o blog da Rádio Kere-kere[[3]](#footnote-2), que se apresenta como um espaço de experimentação, troca e aprendizado, reúne iniciativas produzidas nas ciências sociais e, principalmente na antropologia, voltadas para a construção de espaços de reflexão, divulgação e comunicação científica que, através das potências e possibilidades dos podcasts, intencionam ir além dos muros institucionais e da academia. Nessa conjuntura, com objetivo de dar visibilidade e fomentar práticas de divulgação científica desenvolvidas por meio do diálogo entre cientistas sociais e a sociedade, em 2021, na 45ª Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), o Podcast Larvas Incendiadas, produzido por Thiago Coacci em 2018 com o foco em divulgar e discutir a produção contemporânea de gênero e sexualidade nas ciências humanas, e o Podcast Mundaréu, fundado em 2019 numa parceria entre o LABJor da Unicamp e o Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, investindo em conversas e histórias entre antropólogas e seus interlocutores, foram alguns dos projetos que receberam prêmios de divulgação científica pelo reconhecimento de seus trabalhos.

Na medida em que movimentações culturais em torno de questões LGBTQIAP+ são agenciadas nos e com os sons, em rotas que aglutinam pessoas interessadas em localizar, cruzar e potencializar experiências envolvendo gênero e sexualidade, os sons também tornam-se lugares profícuos para que pesquisadores interessados em ampliar o leque de estudos envolvendo gênero e sexualidade também possam estar desenvolvendo suas práticas de trabalho e pesquisa. Seguindo estas movimentações, este trabalho é fruto da minha pesquisa de mestrado, que objetivou seguir agenciamentos de pessoas LGBTQIAP+ do Brasil que compartilham conteúdos na podosfera, especificamente na plataforma digital do Spotify.

**Perambulações numa plataforma digital sonora**

Para me guiar nos fluxos desta pesquisa em ambiente digital, recorri metodologicamente a autoras como Débora Leitão e Laura Gomes (2017) antropólogas daqui do Brasil, que desenvolvem pesquisas envolvendo antropologia urbana e internet há alguns anos e que em um de seus trabalhos recentes, compartilharam os avanços de suas reflexões metodológicas sobre pesquisas em ambientes digitais. Elas elencaram o debate sobre as perambulações, os acompanhamentos e as imersões, três sensibilidades etnográficas que consideram tanto o tipo de pesquisa quanto às estratégias adotadas em campo digital. As reflexões elencadas pelas autoras costuram as plataformas digitais à ideia de ambientes onde outros modos particulares de vida tornam-se possíveis. Tais contribuições são inspiradas a partir do contato com o filme Emoji, animação estadunidense lançada em 2017, em que aplicativos de plataformas digitais engendram modos de vida que se assemelham ao imaginário de vivências em cidades, com características físicas, socioculturais, políticas, éticas e morais próprias. Locais para pesquisas antropológicas serem desenvolvidas, as plataformas digitais e seus ecossistemas possuem suas próprias lógicas de funcionamento e implicam no tipo de presença que a pessoa pesquisadora terá em campo, cabendo a pesquisadoras e pesquisadores identificar as condições necessárias para a compreensão dos modos de habitar o ambiente pesquisado (GOMES et al, 2017).

Nesta pesquisa, adoto a perambulação como estratégia metodológica que, cruzada com a observação on-line, potencializa sua lógica de sensibilidade e narrativa etnográfica ao percorrer fluxos de hashtag, imagens e rastros nas redes. Sendo assim, a perambulação permite reconstruir os caminhos percorridos por atores nas redes e, também, amplia as possibilidades de registro de dados, a partir do uso de distintas linguagens disponíveis na cibercultura. Neste sentido, a etnografia por perambulação caracteriza-se como uma sensibilidade transeunte, feita por idas e vindas, percorrendo fluxos de informações na rede, deixando-me conduzir pelo inesperado e pelas afetações ao longo dos trajetos percorridos. Essa estratégia é útil em plataformas com características de trânsitos intensos e efemeridade no compartilhamento de mensagens, que comumente podem ser acessadas pela busca por hashtags, marcadores que, combinados pelos algoritmos, direcionam e possibilitam acompanhar os fluxos de postagens e informações que se ligam ao conteúdo daquele marcador, ou por outros mecanismos de busca que direcionam a pessoa pesquisadora ao fluxo de informações que está buscando.

No ambiente digital do Spotify meus percursos começaram em junho de 2021, quando realizei perambulações com minha conta pessoal de usuário na plataforma. Em meus movimentos fiz uso de diários de campo digitais e físicos, em que registrei minhas impressões, observações e afetações sobre as perambulações que desenvolvi. Também construí tabelas e registrei *printscreens* para catalogar e congelar determinados fluxos de informações sobre as perambulações na plataforma. Minha intenção inicial era buscar podcasts LGBTQIAP+ produzidos em variação linguística brasileira da língua portuguesa, foi então que rastreei esses podcasts a partir da ferramenta de busca disponibilizada na plataforma com o termo LGBTQIAP+ como ponto de cruzamento dessa busca. A partir daí, fui direcionado para uma página que me apresentava como resultados as possibilidades de acessar músicas, artistas, álbuns, playlists, podcasts, episódios e perfis de usuários. Optei em acessar a seção de podcasts, encontrando 278 programas compartilhados, dos quais 202 eram produzidos em línguas estrangeiras como inglês, espanhol e japonês, e 76 produzidos na variação linguística brasileira da língua portuguesa.

Paralelamente aos movimentos de perambulação na plataforma, as leituras e afetações sobre pesquisas antropológicas em ambientes digitais me convidaram a realizar novas experimentações em relação aos meus movimentos e itinerários enquanto pesquisador. Nessa perspectiva, Débora Leitão e Laura Gomes (2017) indicam a importância de adotar uma postura reflexiva acerca da posicionalidade e inserção do pesquisador nas plataformas, indo além dos simples registros de conteúdos ou do que é narrado por interlocutores, “numa postura reflexiva que incorpora as vivências – emocionais, subjetivas e mesmo corporificadas – do próprio pesquisador nas e com as plataformas, além das observações entre os interlocutores” (GOMES et al, 2017. p.23). Neste sentido, a historicidade do termo LGBTQIAP+ foi um elemento desestabilizador dos meus movimentos em campo. Quando iniciei a escrita do projeto de pesquisa, LGBTQIA+ era um termo em alta e com o qual eu me relacionava, embora já não o mais inclusivo, tendo em vista outras apropriações mais recentes, como o termo LGBTQIAP+, com o P utilizado para incluir dar visibilidade aos segmentos das pessoas pansexuais. Foi através das minhas relações subjetivas, políticas e pelo caráter recente e histórico do termo LGBTQIAP+, que o escolhi como descritor de busca para delinear os caminhos da pesquisa que estava desenvolvendo. Durante algumas vezes em que me inclinei ao exercício da escuta nos podcasts, no entanto, me dei conta de que o termo LGBT era utilizado tanto na descrição de episódios quanto na fala de distintas pessoas que participavam de episódios de podcasts, questão que poderia estar atrelada a uma difusão mais popular do termo.

Neste caso, levando em consideração que LGBTQIA+, LGBTQIAP+, LGBT, LGBTT são alguns termos em trânsito e dinâmicos, com seu caráter histórico acionando suas redes de significações e agenciamentos sociopolíticos, a apropriação desses termos por pessoas perpassa a lógica de seus processos de subjetivação, o momento histórico em que vivem e questões políticas distintas. Essas afetações que emergiram em campo considerando minha escolha pessoal na utilização do termo LGBTQIAP+, a observação na apropriação do termo LGBT - seja na forma escrita ou oral - por distintas pessoas em podcasts, e as lógicas de mecanismos de busca próprias do funcionamento do Spotify, impulsionaram o germinar de outras questões: e se eu rastreasse os podcasts a partir do termo LGBT? Seria diferente?

Quando decidi percorrer um novo movimento de busca, realizei um rastreamento de podcasts a partir do descritor LGBT, que resultou em 991 podcasts e dos quais 190 produzidos por pessoas do Brasil foram catalogados. A linha do tempo dessa nova catalogação desenhou-se da seguinte maneira: 2 podcasts produzidos em 2016, 1 podcast em 2017, 7 podcasts em 2018, 23 podcasts em 2019, 72 podcasts em 2020 e 85 podcasts até 10 de julho de 2021.

**Tabela 1.** Linha do tempo e quantificação de podcasts LGBT encontrados no Spotify, com variação linguística brasileira da língua portuguesa.

| **Ano** | **2016** | **2017** | **2018** | **2019** | **2020** | **2021** |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **Podcasts****LGBT****catalogados** | 02 | 01 | 07 | 23 | 72 | 85 |

**Fonte:** Autor, 2021.

Nota-se uma diferença significativa em relação aos resultados encontrados a partir dos diferentes usos de descritores de busca e, também, em relação ao período em que as pesquisas foram realizadas. Enquanto o termo mais recente, LGBTQIAP+, resultou em 76 podcasts publicados em variação linguística brasileira da língua portuguesa, a utilização do termo LGBT ampliou esses resultados para 190 produções. O período de diferença entre a catalogação das duas buscas foi o de um mês e dez dias.

Nesta nova catalogação decidi experimentar um outro movimento metodológico. Gomes et al (2017) comentam que os ambientes digitais se apresentam como campos possíveis de experimentações e possibilidades a partir de suas características próprias, então nesta via de experimentações, recorri a possibilidade de criar playlists na plataforma para realizar a catalogação desses podcasts compartilhados no Spotify, o que também se deu na intenção de disponibilizar o banco de dados para acesso público na plataforma.

Uma das funcionalidades que o Spotify oferece para que seus usuários promovam interações na plataforma é a criação de playlists com músicas e podcasts. Ao criar uma playlist, o usuário pode adicionar um título, uma descrição, adicionar uma foto de capa da playlist, os conteúdos (músicas e/ou podcasts), escolher se ela será pública ou privada e, caso seja pública, esta poderá ser seguida e compartilhada por outros usuários do ambiente do Spotify. Dessa forma, acionei a criação de um perfil de pesquisador, o qual chamei de Rede Podcasts LGBT[[4]](#footnote-3), e realizei a catalogação dos 190 podcasts encontrados, codificando-os em playlists a partir da datificação do primeiro episódio produzido por cada canal. Este movimento resultou na criação de seis playlists, com capas personalizadas automaticamente pela própria plataforma, e nomeadas por mim levando em consideração o ano de lançamento dos podcasts catalogados: 2016, 2017, 2018, 2019, 2020 e 2021.

**Imagem 1.***Print Screen d*o perfil Rede Podcasts LGBT no Spotify, apresentando a foto de perfil, nome do perfil, quantidade de playlists públicas criadas, número de seguidores e miniaturas imagéticas identificando as playlists.

**Fonte:** Autor, 2022.

**Cadê os podcasts que estavam aqui?**

### Tanto a decisão em redirecionar as rotas de busca dos podcasts em relação ao uso de descritores, bem como a de redimensionar a catalogação dos podcasts para a plataforma, tiveram seus efeitos reverberados em dilemas que atravessaram a pesquisa quando acionei o cruzamento de elementos como algoritmos junto a historicidade do descritor e as características próprias da plataforma. Estas questões não só incidiram sobre os diferentes percursos de análise que eu seguiria na plataforma, como também trouxeram à tona o sumiço de alguns podcasts que cataloguei nas playlists.

Uma primeira questão que perpassou este momento de análise dos podcasts esteve atrelada aos direcionamentos que eu daria para as análises, desde os recortes que eu faria, às escolhas de podcasts para aprofundamento. É fato que desde 2019 a produção de podcasts no Spotify teve um aumento significativo em relação aos três anos anteriores, e que até o momento da catalogação as produções de 2021 já haviam ultrapassado em quantitativo as produções do ano de 2020 e dos anos anteriores, mas apenas essas informações não seriam suficientes para nos aprofundarmos sobre a configuração de redes sonoras LGBTQIAP+ e como elas têm sido produzidas no Spotify.

Em decorrência disso, decidi iniciar minhas perambulações pela playlist de podcasts lançados em 2016 e fui avançando para os anos seguintes.Iniciei essas análises explorando os perfis dos podcasts, observando e escutando os seguintes elementos: nome do podcast, as propostas a que se destinam estarem ocupando o Spotify, as pessoas que os apresentam, sobre o que falam os episódios e que coisas estão nos sons, quantos episódios já foram lançados, as imagens utilizadas para capas de episódios e se os podcasts continuavam compartilhando produções em 2022.

### Ao acessar as playlists dos podcasts catalogados no perfil de pesquisa, observei que elementos como imagens, nomes, descrições, capas personalizadas para os episódios e títulos, também envolviam-se e movimentavam as intenções ali agenciadas. A exemplo disto, as descrições dos perfis, que sinalizam os enquadramentos e fluxos em que questões LGBTQIAP+ intencionam ser abordadas nos Podcasts, as imagens que compõem as estéticas dos podcasts, por vezes envolvendo a imagética das múltiplas cores associadas à representação da comunidade LGBTQIAP+, as descrições dos episódios, por vezes encontradas com sínteses sobre os episódios e informações adicionais (como links de acesso para sites e perfis em outras plataformas digitais) e também nos nomes dos podcasts, muitas vezes contendo trocadilhos com termos e dialetos do cotidiano LGBTQIAP+, como no caso dos podcasts Gaymer Cast, Poc de cultura, Batendo Cabelo com Rod e Saullete, Fora do meio e Dark Room.

### Através das descrições dos Podcasts, fui também classificando as rotas em que os compartilhamentos sonoros de histórias e cotidianos da comunidade LGBTQIAP+ iam sendo configurados. Rotas abordando cultura pop, mundo geek, mercado de trabalho, drag queens, divulgação científica, festivais, entretenimento, trabalhos acadêmicos, de empresas, de movimentos sociais, escolares, literatura LGBTQIAP+ e relatos de experiências pessoais, foram algumas das inúmeras que perambulei enquanto escutava os podcasts. Nestas rotas, não é difícil de notar que as propostas em ocupar este ambiente a partir do marcador LGBTQIAP+ são distintas e heterogêneas, como, por exemplo, o podcast *Descobertas LGBTQIA+ de uma mulher trans*[[5]](#footnote-4), que evoca o processo de transição de Adriana Infante Malachias, mulher trans que se descobre travesti aos 18 anos e relata a importância do processo de transição em sua percepção e reconhecimento; o podcast *Dixtrava | Podcast LGBTQIA+*[[6]](#footnote-5), em que Leandro Soares e Marcos Ângelo, que são dois amigos gays, compartilham assuntos e vivências do cotidiano LGBTQIAP+ piauiense a partir de seus itinerários de vida; e o podcast *Contos eróticos Juan Calabares*[[7]](#footnote-6), um podcast de contos eróticos LGBTQIAP+ que compartilha semanalmente narrativas eróticas, com o intuito de fazer excitar, viajar e estimular a mente e o corpo de suas audiências.

Na medida em que fui avançando nas escutas dos podcasts, outras questões foram surgindo e moldando os trânsitos de minhas perambulambulações. A partir da playlist do ano de 2018 observei um novo elemento para os movimentos de escuta dos podcasts e que voltou a aparecer também nas playlists de 2019, 2020 e 2021, a descontinuidade nos fluxos de compartilhamento de narrativas sonoras em alguns podcasts. Na playlist de 2018, por exemplo, encontram-se catalogados os podcasts Batendo cabelo com Rod e Saullete, em que Rodrigo e Saulo conversam sobre suas impressões em relação ao reality show RuPaul’s Grag Race, drag queens, comunidade LGBT e cultura pop; Batata e suas fritas, um coletivo de mais de 20 pessoas LGBTQIAP+ que tem como objetivo reunir os amigos para se desconstruir socialmente e conversar sobre mundo geek e cultura pop do presente e do passado; Podcast Drive In, com Guilherme Abreu e Renan Martin, que é voltado para discutir sobre diversidade, cotidiano e cultura pop; Poc de cultura, um podcast com quatro pocs, Caco Baptista, Filipe Bortolotto, José Melo e Hilário Júnior, que falam um pouco mais sobre a vida, dores e amores da comunidade LGBTQIAP+; Larvas incendiadas, um podcast de divulgação científica de estudos de gênero e sexualidade, apresentado por Thiago Coacci, doutor em Ciência Política pela UFMG, pesquisador do NEPEM[[8]](#footnote-7) (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher), e intencionado a divulgar trabalhos fora dos muros da universidade por meio de entrevistas com pesquisadores e pesquisadoras sobre seus trabalhos recentes; Festival Mix Brasil, o podcast do Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade, organizado desde 1993 pela Associação Cultural Mix Brasil, que apresenta novas possibilidades de expressão para a comunidade LGBTQI+, por meio de bate papo com pessoas convidadas; e Zone cast, uma extensão do canal Vinni Zone no Youtube, apresentado pelo criador de conteúdo Vinni Amaro e pelo cantor Gustavo Goulart, que no Spotify intenciona discutir cultura pop, entretenimento, vida LGBT e Britney Spears.

Neste cenário, como a quantidade de podcasts lançados com temáticas LGBTQIAP+ no Spotify aumentou significativamente na catalogação a partir do ano de 2018, elementos como periodicidade entre um compartilhamento e outro ofereceram pistas em relação às movimentações nos podcasts. Acompanhando os podcasts que foram catalogados em 2018, somente dois continuam compartilhando narrativas sonoras em 2022, o podcast *Larvas Incendiadas* e o podcast *Batata e suas fritas*. Os demais podcasts de 2018 pararam de compartilhar conteúdos e/ou anunciaram que entrariam em hiato, como foi o caso do podcast *POC de cultura,* que anunciou o hiato no episódio 161, lançado em 6 de abril de 2022. Embora fosse recorrente escutar nas apresentações dos podcasts propostas para configurar fluxos contínuos de compartilhamentos de narrativas sonoras, seja semanalmente, quinzenalmente ou mensalmente, muitas dessas propostas não deram continuidade às movimentações na plataforma. Estas rotas em que podcasts apresentaram outros ritmos nos compartilhamentos de narrativas sonoras também foram evidenciadas nas playlists de 2019, 2020 e 2021, em propostas de podcasts sobre vida pessoal, apresentações de trabalhos escolares e acadêmicos, transmissões de paradas de orgulho LGBTQIAP+ e trabalhos de empresas para o mês do orgulho LGBTQIAP+.

Nos movimentos de perambulação que seguiram nas playlists de 2019, 2020 e 2021, um último impasse se deu em relação ao sumiço de alguns podcasts catalogados. Embora eu tenha realizado a catalogação de 190 podcsats em 10 e julho de 2021 e os distribuído em 6 playlists na própria plataforma, desenhando uma linha do tempo que se inicia em 2016 e vai até 2021, quando dei continuidade aos movimentos de análise desses podcasts em 2022, a quantificação dos podcasts catalogados nas playlists de 2019, 2020 e 2021 sofreram alterações e não correspondiam mais à mensuração inicial. Ou seja, mesmo que as playlists ao serem acessadas ainda apontem para 23 podcasts catalogados em 2019, 72 em 2020 e 85 em 2021, só é possível encontrar 22 podcasts na playlist de 2019, 67 na playlist de 2020 e 84 na playlist de 2021. Esta questão pode estar atrelada a possibilidade dos podcasts terem sido desativados pelos próprios criadores de conteúdo, ou pela própria plataforma, caso o conteúdo das narrativas sonoras venha a infringir alguma das normas que regulam as políticas de convivência no ambiente digital.

### **Gaymer Cast: recontando histórias, racionalidades e novos modos de ação**

Diante do repertório de podcasts que escutei, escolhi para este trabalho aprofundar o Gaymer Cast[[9]](#footnote-8), que foi lançado no Spotify em setembro de 2016 e é o pioneiro dos podcasts com temáticas LGBTQIAP+ na plataforma. O canal surgiu do blog Gayme Over (<https://gaymeover.com.br/>), que foi criado em 2015 por Angelo Prata e Danilo Kaltner, com o objetivo de produzir conteúdos para o público LGBTQIAP+ e estimular o debate social em volta dos jogos eletrônicos e cultura pop com foco na representatividade LGBTQIAP+. No formato de roda de conversa, na maioria dos programas com duas ou três pessoas conversando, o podcast traz em suas narrativas sonoras debates que interseccionam entretenimento eletrônico e vivências LGBTQIAP+ na mídia. Além de habitarem o site e o Spotify, o Gayme Over também encontra-se compartilhando conteúdos LGBTQIAP+ em plataformas digitais como facebook, youtube, twitter e instagram, todos com a intenção de ajudar na desconstrução de tabus e disseminação de informações a partir de discussões que desnaturalizam as experiências eletrônicas com videogames reduzidas a ideia de entretenimento e interseccionadas por questões LGBTQIAP+.

No Spotify, o Gaymer Cast já conta com mais de 100 episódios publicados desde 2016 e dentre alguns os assuntos que já abordou, estão episódios que falam sobre como o sexo é retratado nos games; personagens não-binários no universo nerd; personagens afeminados no mundo nerd; infância viada; masculinidade tóxica nos games; ódio contra personagens femininas; e séries com temática LGBTQIAP+. Um exemplo das discussões trazidas no podcast pode ser escutado no episódio 07 em que debatem sobre homofobia e a indústria dos games, abordando também questões como processo de aceitação da sexualidade e os efeitos perversos da LGBTQIAP+fobia nas décadas de 80 e 90. No episódio que foi lançado em fevereiro de 2017 e tem duração de 123 minutos, Angelo Prata e Danilo Kaltner conversam com Marcus Pereira e, dentre os assuntos discutidos, compartilham suas experiências como LGBTQIAP+, incentivam a audiência LGBTQIAP+ que está se assumindo e descobrindo suas sexualidades a procurarem informações que não relacionem as diferenças sexuais a ideias como erro e problema, ideias essas que historicamente foram atreladas as vivências não cis-heteronormativas. No emaranhado de narrativas que recontam as memórias e vivências dos apresentadores, a ênfase nas assimetrias nas relações de pessoas com as mídias convencionais das décadas de 80 e 90 no Brasil são contrastadas com processos de silenciamentos, violências e imagens estereotipadas da população LGBTQIAP+, por vezes ancoradas por discursos regulatórios da binaridade de gênero, de patologização da homossexualidade, de chacota, erro, naturalização de corpos e vergonha da família. Neste episódio, os três envolvidos compartilham como esses processos reverberaram de maneiras distintas suas vidas, elencando a auto aceitação como um processo de autodescoberta enquanto pessoa LGBTQIAP+.

Ainda neste mesmo episódio abordam como a indústria de games também já se posicionou frente às questões LGBTQIAP+, elencando como personagens LGBTQIAP+ foram e são retratados em jogos, bem como problematizações envolvendo essas questões. Os autores ressaltam que na década de 90, as indústrias de games eletrônicos ocidentais tentavam silenciar e invisibilizar questões LGBTQIAP+ em seus jogos, bem como no Oriente, que quando personagens LGBTQIAP+ apareciam em jogos geralmente eram caracterizados pela ridicularização, trazendo suas performances como piada e com a intenção de ofender e estereotipar personagens LGBTQIAP+. A exemplo disto, levantam o caso envolvendo a personagem Poison, do jogo Final Fight, personagem com identidade de gênero travesti que ficou famosa em jogos de fliperamas, mas que foi transformada em homem na versão americana do jogo, tendo, inclusive, o nome alterado. O corpo de Poison é musculoso e escapa a ideia cristalizada e estereotipada de feminilidade e delicadeza atrelada ao que seriam corpos de mulheres. Na época, a personagem levantava uma questão: como uma mulher poderia estar envolvida com uma gangue de bandidos no game? A Capcom, empresa de jogos eletrônicos, para evitar que o movimento feminista dos EUA levantasse uma imagem negativa do game quando ele fosse lançado no ocidente, respondeu que “ela não era uma mulher de verdade”[[10]](#footnote-9).

**Imagem 2.** Imagem da personagem Poison no game Final Fight.



**Fonte:** internet.

Os desdobramentos envolvendo as discussões sobre gênero e sexualidade na indústria dos games eletrônicos são cada vez mais importantes e reverberam até os dias atuais. Se Poison foi tida como uma personagem problemática e pioneira no que tange às questões envolvendo gênero e sexualidade na década de 90, hoje, 30 anos depois, outros jogos já evocam outras configurações, como o jogo *The Last Of Us 2*, também comentado no podcast Gaymer Cast, um jogo eletrônico de ação-aventura e sobrevivência desenvolvido pela empresa Naighty Dog e lançado em julho de 2020. Frente a uma industria estruturada com muito machismo, The Last Of Us 2 tem no enredo principal Ellie, personagem lésbica que marca atualmente a representação de mulheres e pessoas LGBTQIAP+ em jogos eletrônicos. As discussões evocadas por The last Of Us 2 foram muitas, algumas também semelhantes ao caso da personagem Poison. The last of Us recebeu muitos comentários LGBTQIAP+fóbicos na internet, bem como foi censurado em alguns países árabes, no entanto, a aceitação do game e as repercussões positivas também foram enormes, o que rendeu mais de 4 milhões de cópias para a Sony no primeiro final de semana de lançamento. The Last Of Us 2 se diferencia também de outros jogos de luta por ter mulheres fortes e decididas protagonizando o jogo e por não percorrer rotas de estereótipos e padrões de sexualização em personagens mulheres, questão ainda muito recorrente nos jogos eletrônicos.

**Imagem 3.** Ellie, de The Last Of Us 2. 

**Fonte:** internet.

**Algumas considerações**

### Busquei neste trabalho apresentar reflexões sobre a coprodução de uma rede sonora LGBTQIAP+ que tem alargado o compartilhamento de vivências narradas e protagonizadas por esses sujeitos no Brasil, especificamente na plataforma digital do Spotify. Em contraposição aos trânsitos históricos que marcaram assimetrias nas relações de pessoas LGBTQIAP+ com dispositivos tecnológicos, bem como seus efeitos nas configurações de modos de ser, viver e morrer, se observa desde 2016 no Spotify a emergência de outras narrativas e rotas que criam novos modos de ação e propõem outros enquadramentos éticos e políticos nas racionalidades, nas práticas cotidianas e nos discursos. As pesquisas com e sobre podcasts na ciência antropológica brasileira ainda são recentes, sendo necessário a ampliação de outros estudos para alargar essas discussões, potencializando também rotas que se desenvolvam com as pessoas LGBTQIAP+ que produzem e compartilham podcasts na internet.

###

###

### **Referências**

###

### DOS SANTOS, Ariel Dorneles; DUQUE, Tiago. “EU GOSTO MESMO É DAS BIXAS”: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE AO SOM DE LINN DA QUEBRADA. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 1, p. 13-37, 2019.

GOMES, Laura Graziela Figueiredo Fernandes et al. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Revista Antropolítica, n. 42, Niterói, p. 41-65, 1. sem. 2017**, 2017.

MARCONI, Dieison. Bichas intelectuais: um manifesto pelos saberes localizados. **Cadernos de Comunicação**, v. 21, n. 3, 2017.

MEINERZ, N. Impasses classificatórios envolvendo gênero e sexualidade no atendimento público de saúde. In: RIOS, L.F. NASCIMENTO, P. G. Gênero e Práticas Profissionais. Recife: Editora da UFPE, 2011.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 1, p. 68-91, 2014.

PINHEIRO, P. dos S.; FREITAS, C. I.; SOUZA, A. M. de; SACCO, S.; MACHADO, G. F. Desconfinando ideias: reflexões sobre mídias digitais e a circulação do conhecimento antropológico a partir do podcast. Cadernos de Campo (São Paulo - 1991), *[S. l.]*, v. 29, n. 2, p. e175301, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe175301.

SILVA, André Araújo da. **Damas de paus: atravessamentos afetivos sobre representatividade trans e travesti na música brasileira d'as Bahias e a Cozinha Mineira**. 2019. Dissertação de Mestrado. Brasil.

SILVA, Roniel Sampaio; DAS NEVES BODART, Cristiano. O uso do Podcast como recurso didático de Sociologia: aproximando habitus. **Educação, Ciência e Cultura**, v. 20, n. 1, p. 137-153, 2015.

SOUZA, Alexandre Aniceto; DIAS JR, Carlos Machado. “O celular é o avô dos WaiWai”. Tecnologias e domesticação das redes e mídias sociais entre os WaiWai. **Mundo Amazónico**, v. 10, n. 1, p. 39-50, 2019.

SOUZA, Patrick Borges Ramires de et al. “Bixa, preta, trans e periférica”: Linn da Quebrada e as performatividades de gênero dissidentes com as mídias digitais. 2019.

SOUZA, Patrick Borges Ramires de; BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. Linn da Quebrada e os engajamentos performativos com as mídias digitais: uma análise sociológica de uma trajetória artística dissidente de gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, 2021.

###

1. Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022. [↑](#footnote-ref-0)
2. Publicada no Dossiê Cosmopolíticas Amazônicas e Reflexividades Indígenas, que tem estimulado a produção de trabalhos produzidos por estudantes indígenas do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, há mais de 10 anos. [↑](#footnote-ref-1)
3. Disponível em: <<https://radiokerekere.org/>> Acesso em 22 fev, 2022. [↑](#footnote-ref-2)
4. Disponível em: <<https://open.spotify.com/user/2o98avl6j88lra92d6jbkwhzf?si=a1b3ddc74aee4615>> Acesso em 07 de abril de 2022. [↑](#footnote-ref-3)
5. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/3LRXpK9OZYfMvredU8V6TZ?si=1cd3ff1a1fd34a58>> Acesso em 08 de abril de 2022. [↑](#footnote-ref-4)
6. Disponível em:<<https://open.spotify.com/show/5MXb8LJ2iniptlbEmLGN7l?si=a2ec4ca219754fb4>> Acesso em 08 de abril de 2022. [↑](#footnote-ref-5)
7. Disponível em:<<https://open.spotify.com/show/67V8Phjt54Atm8SzXG8HoV?si=b42fd7c7c219486c>> Acesso em 08 de abril de 2022. [↑](#footnote-ref-6)
8. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/nepem/>> Acesso em 16 de abril de 2022. [↑](#footnote-ref-7)
9. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/7KVCQrG6CqUSOo1N7m8ewl?si=f90b46fa3b984c5f>> Acesso em 08 de Abril de 2022. [↑](#footnote-ref-8)
10. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/voxel/especiais/182654-poison-qual-o-misterio-por-tras-da-personagem-.htm>> Acesso em 10 de abril de 2022. [↑](#footnote-ref-9)